

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2018

Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© Les Liens qui Libèrent, 2016

Publicado por acordo com L'Autre Agence, Paris, França.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Aux urnes citoyens!*

Autor: Thomas Piketty

Tradução: Marco da Silva Rosa

Revisão: Paula Caetano/Editorial Presença

Paginação: Gráfica 99, Lda.

Capa: Joana Tordo/Marcador Editora

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 435 779/17

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2018

ÍNDICE

PREFÁCIO	11
<i>Setembro de 2016</i>	

Economia e Desigualdades no Mundo

A REAÇÃO SECURITÁRIA NÃO É SUFICIENTE.....	23
<i>22-23 de novembro de 2015</i>	
QUEM POLUI O PLANETA TEM DE PAGAR.....	27
<i>28 de novembro de 2015</i>	
A FORÇA DE SANDERS	33
<i>15 de fevereiro de 2016</i>	
DA DESIGUALDADE NA AMÉRICA.....	37
<i>18 de fevereiro de 2016</i>	
HILLARY, A APPLE E NÓS.....	47
<i>10 de setembro de 2016</i>	
O FMI, AS DESIGUALDADES E OS ESTUDOS ECONÓMICOS	51
<i>20 de setembro de 2016</i>	
POR UMA GLOBALIZAÇÃO DIFERENTE.....	61
<i>12 de novembro de 2016</i>	
O FALECIMENTO DE TONY ATKINSON	65
<i>3 de janeiro de 2017</i>	

DA PRODUTIVIDADE EM FRANÇA E NA ALEMANHA.....	69
<i>5 de janeiro de 2017</i>	
WID.world: NOVOS DADOS SOBRE AS DESIGUALDADES E A QUEBRA DOS BAIXOS RENDIMENTOS	87
<i>11 de janeiro de 2017</i>	
OS GRANDES DESAFIOS DA ÍNDIA.....	91
<i>17 de janeiro de 2017</i>	
DA DESIGUALDADE NA CHINA.....	95
<i>11 de fevereiro de 2017</i>	
CAPITAL PÚBLICO, CAPITAL PRIVADO	99
<i>14 de março de 2017</i>	
DA DESIGUALDADE EM FRANÇA.....	103
<i>15 de abril de 2017</i>	
REAGAN ELEVADO A DEZ.....	107
<i>6 de junho de 2017</i>	

Problemas Europeus, Soluções Europeias

ÀS URNAS, CIDADÃOS!.....	113
<i>19 de maio de 2014</i>	
MUDAR A EUROPA, JÁ!	117
<i>22 de dezembro de 2015</i>	
2007-2015: UMA RECESSÃO DEMASIADO LONGA.....	121
<i>8 de janeiro de 2016</i>	
A EUROPA ESTÁ A TORNAR-SE ISLAMOFÓBICA?	127
<i>15 de março de 2016</i>	
A SITUAÇÃO MIGRATÓRIA NA EUROPA	131
<i>31 de março de 2016</i>	
LUXLEAKS E PANAMA PAPERS: A HIPOCRISIA EUROPEIA....	135
<i>12 de abril de 2016</i>	

POR UM NÚCLEO DURO EUROPEU	139
<i>14 de maio de 2016</i>	
A COMPOSIÇÃO DA NOVA ASSEMBLEIA DA ZONA EURO...	143
<i>16 de março de 2017</i>	
SOBERANIA PARLAMENTAR EUROPEIA LEGITIMADA PELA SOBERANIA DOS PARLAMENTOS NACIONAIS.....	153
<i>28 de março de 2017</i>	
POR UM TRATADO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA EUROPA. PORQUÊ E COMO?	163
<i>14 de abril de 2017</i>	

Dilemas Franceses

O VAZIO DO PROGRAMA DE SARKOZY.....	175
<i>9 de abril de 2012</i>	
HOLLANDE, UM NOVO ROOSEVELT PARA A EUROPA?..	179
<i>7 de maio de 2012</i>	
CHEGA DE INÉRCIA, É TEMPO DE AÇÃO!.....	183
<i>24 de setembro de 2012</i>	
VIVA A ESCOLA À QUARTA-FEIRA	187
<i>28 de janeiro de 2013</i>	
OS DOIS CASOS CAHUZAC.....	191
<i>22 de abril de 2013</i>	
FRANÇOIS HOLLANDE, SOCIAL-TRAPALHÃO INCORRIGÍVEL	195
<i>27 de janeiro de 2014</i>	
<i>PRIME D'ACTIVITÉ: MAIS UMA REFORMA DESADEQUADA</i>	199
<i>18 de maio de 2015</i>	
O VETO À ALTERAÇÃO AYRAULT-MUET.....	203
<i>31 de dezembro de 2015</i>	

COMBATER AS DESIGUALDADES EM FRANÇA E NA EUROPA	205
<i>28 de janeiro de 2016</i>	
LEI DO TRABALHO: UMA GRANDE TRAPALHADA.....	209
<i>2 de junho de 2016</i>	
REPENSAR O IMPOSTO SOBRE O PATRIMÓNIO.....	215
<i>12 de junho de 2016</i>	
A DIREITA FRANCESA E OS CRITÉRIOS ORÇAMENTAIS EUROPEUS.....	219
<i>15 de outubro de 2016</i>	
DESIGUALDADE REMUNERATÓRIA ENTRE HOMENS E MULHERES: 19% OU 64%?	223
<i>7 de novembro de 2016</i>	
RENDIMENTO BÁSICO OU SALÁRIO JUSTO?	227
<i>13 de dezembro de 2016</i>	
VIVA O POPULISMO!.....	231
<i>17 de janeiro de 2017</i>	
POR UM RENDIMENTO BÁSICO CREDÍVEL E OUSADO ...	235
<i>25 de janeiro de 2017</i>	
O NOSSO RENDIMENTO BÁSICO UNIVERSAL É REALMENTE UNIVERSAL?	239
<i>30 de janeiro de 2017</i>	
DEPUTADOS EM MARCHA, O PODER É VOSSO!	247
<i>20 de junho de 2017</i>	

A REAÇÃO SECURITÁRIA NÃO É SUFICIENTE

Le Monde, 22-23 de novembro de 2015.

Em parte, o terrorismo exige uma resposta securitária. É preciso combater o Estado Islâmico e travar os seus seguidores. Mas não podemos esquecer as condições político-económicas ou as humilhações e injustiças sociais associadas a este tipo de violência, que fomentam o apoio deste movimento no Médio Oriente e os impulsos sanguinários na Europa. Assim, uma solução de longo prazo terá de passar inevitavelmente pela implementação, na Europa e no Médio Oriente, de um modelo de desenvolvimento equitativo.

É inegável: o terrorismo é alimentado pela extrema desigualdade existente no Médio Oriente, uma desigualdade para a qual temos dado um grande contributo. E o Estado Islâmico é o resultado direto da decomposição do regime iraquiano e do sistema de fronteiras imposto na região por volta de 1920.

Depois da anexação do Kuwait pelo Iraque em 1990, a coligação internacional¹ enviou uma força militar para devolver o petróleo aos emires e às empresas ocidentais. Esta intervenção inaugurou uma nova era de guerra assimétrica e tecnológica, cuja assimetria ficou bem patente nas baixas: algumas centenas de mortos do lado da coligação para «libertar» o Kuwait, e muitas

¹ A invasão do Kuwait gerou uma unanimidade nunca vista na História das Nações Unidas. Essa unanimidade na condenação da agressão iraquiana traduziu-se numa grande coligação liderada pelos Estados Unidos. Esta coligação incluiu 40 países de todos os continentes. (NT)

dezenas de milhares de baixas do lado iraquiano². Esta lógica foi levada ao extremo na segunda guerra do Iraque (2003-2011): cerca de 500 mil iraquianos mortos por comparação aos 4000 soldados americanos; tudo para vingar os 3000 mortos do 11 de setembro, um evento que nada tinha a ver com o Iraque. Esta disparidade de perdas humanas e a ausência de uma resolução política para o conflito israelo-palestiniano servem agora para justificar todas as atrocidades cometidas pelos jihadistas. Depois do fiasco americano, esperemos que as atuais intervenções russa e francesa produzam menos danos e suscitem menos inclinação para o extremismo.

Para além do conflito religioso, o sistema político e social da região está minado e fragilizado pela concentração de recursos petrolíferos em pequenos territórios com pouca população. De facto, a disparidade entre Produtos Internos Brutos (PIB) e a desigualdade extrema no seio das monarquias faz desta região uma das mais desigualitárias do planeta. Neste contexto, não é de admirar que as lições de democracia e justiça social vindas de democracias ocidentais que dão apoio político-militar a regimes injustos e autoritários não tenham qualquer influência na juventude local. Para recuperar a credibilidade, seria necessário demonstrar às populações do Médio Oriente que estamos mais preocupados com o desenvolvimento e a integração política na região do que com os interesses financeiros e as relações com as famílias reinantes.

Para começar, o dinheiro do petróleo deveria ser canalizado prioritariamente para o desenvolvimento regional. Em 2015, o orçamento total do sistema de educação egípcio foi inferior a 10 mil milhões de dólares (9,4 mil milhões de euros) num país com uma população de 90 milhões de habitantes. Em contrapartida,

² Perante o enorme poderio (assimetria) militar dos EUA e de outras forças ocidentais, a oposição à influência ocidental passou a recorrer essencialmente a táticas de confronto indireto: guerrilha, terrorismo e propaganda. (NT)

no mesmo período, os 30 milhões de habitantes da Arábia Saudita beneficiaram de 300 mil milhões de dólares de receitas petrolíferas. Para os 300 mil catarianos, essas receitas ultrapassaram os 100 mil milhões de dólares. Um modelo de desenvolvimento tão desigualitário só pode levar à catástrofe. Por isso, compactuar com esta realidade é um ato criminoso.

Por outro lado, o hábito de proferir grandes discursos sobre democracia e eleições livres só quando convém não pode continuar. Em 2012, Mohamed Morsi foi eleito presidente do Egito numa eleição legítima, o que não é irrelevante na História eleitoral árabe. Todavia, em 2013, os militares expulsaram Morsi e executaram milhares de membros da Irmandade Muçulmana³, cuja ação social permitiu ajudar muita gente e atenuar as carências do Estado egípcio. Alguns meses mais tarde, os franceses decidiram ignorar o assunto para vender umas fragatas e apropriar-se de uma parte dos escassos recursos públicos daquele país. Esperemos que esta negação da democracia não venha a ter as consequências da interrupção do processo eleitoral argelino de 1991/1992⁴.

Por último, como é que jovens criados em França conseguem confundir Bagdade com os subúrbios de Paris? E por que razão desejam importar os conflitos daquela região? Nada desculpa esta deriva sanguinária, machista e ridícula. De qualquer maneira, como demonstram alguns trabalhos recentes⁵, é preciso sublinhar

³ Criada em 1928, a Irmandade Muçulmana é uma organização islamita presente em países de maioria muçulmana. Esta visa, nesses países, a eliminação da influência ocidental e a implantação da lei islâmica como principal fonte de direito. (NT)

⁴ As primeiras eleições multipartidárias na Argélia tiveram lugar em 1991. A primeira volta foi ganha pela Frente Islâmica de Salvação (FIS). Perante a iminência da vitória deste partido na segunda volta, e da criação de um estado islâmico argelino, o governo apoiado pela Frente de Libertação Nacional (FLN) e pelos militares decidiu interromper o processo eleitoral. Dessa interrupção resultou uma guerra civil que durou 10 anos. (NT)

⁵ *Vide* crónica «Laïcité et inégalité: l'hypocrisie française» (http://www.liberation.fr/futurs/2015/06/15/laicite-et-inegalite-l-hypocrisie-francaise_1330397), ou a versão portuguesa «Laicidade e desigualdade: hipocrisia à francesa», publicada em *Podemos Salvar a Europa?* (Marcador, 2016). (NT)

que o desemprego e a discriminação profissional que afetam indivíduos com nomes árabes (bastante generalizada e evidente para pessoas que preenchem todos os requisitos das ofertas de trabalho em termos de diplomas ou experiência) não ajudam a resolver o problema. A Europa, que antes da crise financeira conseguia ter um baixo nível de desemprego e acolher um fluxo migratório líquido de um milhão de pessoas por ano, tem de relançar o seu modelo de integração social e de criação de emprego. A austeridade só conduziu aos egoísmos nacionais e às tensões identitárias. O ódio só poderá ser vencido através do desenvolvimento social e equitativo.